

RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Milene Suzano de Almeida<sup>1</sup>

### Despretensioso traçado literário - ideológico

*Garranchos* é o nome da seção escrita por Graciliano Ramos no jornal *O Índio*, da pequena cidade de Palmeira dos Índios, entre janeiro e maio de 1921. Segundo o organizador da obra, Thiago Mio Salla, nestes textos, o narrador em início de carreira<sup>2</sup> “privilegiava um discurso mais direto e participativo, assumindo, muitas vezes, a condição de defensor da população da cidade interiorana representada pelo jornal” (p.11). Transitando entre o político e o literário, os textos reunidos na cuidadosa edição de Salla traçam, para o especialista ou para o aficionado pela obra do escritor alagoano, o perfil deste intelectual público das letras brasileiras.

Ainda que alguns aficionados busquem a obra pela curiosidade, trata-se, sem dúvida, de um livro para especialistas. Não somente pela riqueza de notas, referências bibliográficas e inúmeras informações históricas adicionais, como pela dupla preocupação de Salla, expressa no prefácio da edição: situar o lugar destes textos inéditos no quadro mais amplo da obra de Graciliano Ramos e traçar um quadro temporal e intelectual da trajetória do escritor por meio da coletânea. A figura do intelectual público Graciliano Ramos é, assim, o fio condutor dos textos selecionados por

---

1 **Milene Suzano de Almeida** (USP - Mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp e Doutora pela USP, departamento de Letras Modernas, Francês, é especialista em Literatura Comparada e participa de grupo de estudos em Crônicas.)

2 Graciliano Ramos inicia seu primeiro romance, *Caetés*, em 1925, publicado somente 1933.

Salla, subdivididos cronologicamente em: anos 1910, anos 1920, anos 1930 ainda em Maceió, depois da saída do cárcere e, depois da entrada no PCB.

Para o especialista, é inegável a relevância da publicação dos 81 textos inéditos do criador de *Vidas Secas*. Crônicas, epigramas, artigos de crítica literária, discursos políticos, cartas publicadas na imprensa, o primeiro ato de uma peça teatral e um conto juvenil – todos estes gêneros fazem parte da seleção de *Garranchos*. Um único critério a perpassa: a publicização anterior pelo autor. Isso não resolve o dilema que o próprio organizador enuncia em nota no prefácio. O explícito desejo do escritor alagoano de não publicação dos textos que não estivessem assinados de sua própria alcunha. Entre o desejo autoral e a busca ávida do leitor especializado por todas as fontes possíveis de seu objeto, opta-se, portanto, pela segunda alternativa. E o precedente, como explica Salla, já se configurara em 1962, com a publicação de *Linhas tortas*, que trouxe a público textos de Graciliano Ramos sob o pseudônimo de “J. Calisto”. Em defesa do organizador, a dualidade entre desejo autoral e busca de originais dificilmente será resolvida de forma satisfatória. Afinal, são muitos os interesses aí envolvidos. Concentremo-nos, então, em traçar algumas peculiaridades desta coletânea.

### ***Frases marcantes***

Em “Judas”, crônica publicada em março de 1921 no jornal de Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos parte de um acontecimento local: a malhação de Judas Iscariotes, ritual da tradição católica durante a Páscoa, já muito esvaziada nos dias de hoje. A primeira reação do cronista é questionar a tradição e a crença popular acerca de tão distantes acontecimentos:

“É uma vingança tardia e inócua que a ralé toma periodicamente contra um cidadão que há tempos se chamou Iehouda de Kerioth, vulgarmente conhecido por Judas Iscariotes, homem de maus bofes, segundo a tradição, apóstolo diletante, provavelmente traidor. Provavelmente, digo eu, mas não exijo que ninguém dê crédito ao que aqui fica, pois seria difícil apurar o grau de verdade que existe nessa trapalhada de coisas antigas.” (p.91)

A dúvida do cronista coloca em suspeição a tradição e o julgamento da figura de Judas Iscariotes ao mesmo tempo em que busca atualizar e contextualizar a questão. Nesta atualização, o que se vê é um narrador que se utiliza do passado para tratar de questões do presente. Seguindo a opinião corrente da patifaria de Judas, o cronista opõe a situação original, quando o apóstolo

era exceção entre os fiéis, aos dias de hoje, quando a proporção entre os espíritos fiéis e os safados seria pelo menos de cinquenta por cento para cada lado. O cronista de viés anticapitalista toma então a palavra: “Quem é santo nestes tempos prosaicos em que o dólar governa o mundo? As consciências tornaram-se mercadoria vulgar. As almas vendem-se e vendem-se caro.” (p.92)

Nas frases sem concessões do cronista de opiniões claras e posição ideológica inequívoca, assim como na atualização de antigas tradições, vemos o narrador Graciliano das frases sintéticas, dos comentários sagazes e do estranhamento do mundo e do outro como princípio para a criação. A estes elementos compositivos que se enunciam nas crônicas e outros textos de intervenção, e que serão retrabalhados de *Caetés* a *Memórias do Cárcere*, agrega-se o descolamento irônico. A crônica “Judas” se finda com o seguinte comentário: “Nenhum Iscariotes se suicida. Se os contemporâneos seguissem o exemplo do antigo, não haveria no mundo figueiras que bastassem para pendurar tantos laços.” (p.92)

O valor sintético das frases do velho Graça aparece mais explicitamente no conjunto de textos reunidos sob o título “Fatos e fitas”, publicados no mesmo jornal de janeiro a março de 1921. Uma sentença marcante como: “o brasileiro é um cidadão pouco amável, que não sabe coisa nenhuma”, é formulada e atualizada a partir da transposição de uma velha definição do francês: “O francês é um cavalheiro amável, que não sabe geografia” (p.83). Como máximas ou provérbios, as frases do cronista encerram nestes textos um pensamento de ordem geral e de valor moral.

Se pensarmos nos textos reunidos em *Garranchos* como exercícios de estilo do escritor, a junção entre experimentação com as palavras (nas frases sintéticas) e valoração particular do mundo (nas frases exemplares), oferece ao pesquisador elementos de ligação entre o modernista e o ideólogo. Já em 1921, o cronista Graciliano Ramos ensaiava aí sua mistura particular entre o trabalho com as palavras na síntese dos comentários e sua interpretação autoral e ideológica, de forma despretensiosa e sem nenhuma afetação. À linguagem modernista, Ramos agrega a preocupação política e social de gerações pregressas, atualizando ambas as filiações.

### **O sátiro**

Outro procedimentos do romancista enunciado nas crônicas aparece em “Macobeba pré-histórico”, publicado no *Jornal de Alagoas*, em abril de 1930. Trata-se de um texto de inspiração fabular, que começa com o pas-

sado idílico de Alagoas, “Antigamente Alagoas era um paraíso”, introdução logo sutilizada pelo cético cronista: “Não era um paraíso cômodo, mas afinal era um paraíso como qualquer outro.” (p.99). Logo vemos, assim, que o paraíso idílico inicialmente contado pelo escritor nada mais é do que o passado de domínio inquestionável dos coronéis, pois naquela época:

“Os bípedes alagoanos matavam-se inocentemente, na boa lei natural, e, como todos os bens pertenciam aos coronéis, a noção de roubo ainda não tinha aparecido. Circulava regularmente dinheiro falso. E essa coisa de tomar à força as mulheres e as filhas dos outros estava nos hábitos de quase todos os antigos mandões.” (p.99)

O paraíso era, assim, a dominação sem resistência; um paraíso para poucos. Em meio a essa “balbúrdia dos pecados”, já se distanciando do falso mundo idílico, surgiu Macobeba<sup>3</sup>, o grande salvador do povo. O cronista não acredita na existência do salvador Macobeba – esta figura de “rosto carregado e barba esqualida” inspirado no gigante Adamastor de Camões –, e propõe uma dupla existência à figura, um nascido na idade heroica e um bacharel, o primeiro de existência subjetiva e o segundo de carne e osso. Ambos vão se confundindo diante de um desejo popular que parece não se modificar: a busca de um super-homem salvador.

Naqueles dias, como conta o cronista, teria surgido um oportunista que se autointitulou Macobeba e, simplesmente, passou a sê-lo. Segundo nota, o Macobeba da crônica era José Fernandes de Barros Lima, governador do Estado de Alagoas, de 1918 a 1924<sup>4</sup>. Mas, ainda que circunstancialmente ligada a Barros Lima, a figura de Macobeba transcende a conjuntura e acaba criando um personagem-tipo da idílica e infernal Alagoas, personagem que traz em si uma relação metonímica com o próprio país<sup>5</sup>. O tom fabular oferece essa transcendência ao “inocente” retrato de Macobeba.

Esta pequena fábula que visa explicar o Brasil profundo é um dos recursos do intelectual público Graciliano Ramos que recupera do otimista movimento moderno o viés crítico dos efeitos do progresso. No oitavo texto da série *Garranchos*, a inauguração da iluminação pública deixa o povo

3 A figura de Macobeba foi, segundo nota do organizador, imaginada por Júlio Belo no jornal pernambucano *A Província*.

4 Barros Lima saiu derrotado nas eleições de março de 1930 e denunciou o pleito alegando que a votação fora marcada por atos fraudulentos.

5 O tom fabular se repete em “As rãs estão pedindo um rei”, título atribuído pelo organizador a um manuscrito do Arquivo Graciliano Ramos, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros. (pp. 250-254).

satisfeito e o proprietário da empresa aproveita para triplicar os lucros e gradualmente diminuir os serviços. No décimo texto da mesma série, também são as empresas, os alçozes do povo, desta vez, porém, trata-se da precariedade do abastecimento de água.

Mas, não é só de crítica que vive a pena do cronista. A partir da década de 1930, as transformações sociais também não passam despercebidas pelo olhar de Graciliano Ramos. A participação das mulheres na vida social e política do país é elogiada em maio de 1933 e em outubro de 1937, elas se tornam “concorrentes, inimigas” (p. 162). No caso desta última crônica, o escritor se opõe ao conservadorismo dos integralistas em relação à posição das mulheres na sociedade, daí a igualdade provocativa do cronista de costumes. Também em relação aos negros, o escritor se manifesta em um manuscrito do final da década de 1930<sup>6</sup> com suas frases sintéticas e diretas como “a raça negra aparece-nos pela primeira vez como uma afirmação” (p. 167), ou “as pessoas de cor levantaram a cabeça” (p. 168).

### **Questões literárias**

É também a partir da década de 1930 que a literatura se torna um tema recorrente para o cronista e crítico literário. O primeiro texto que aparece na coletânea é um elogio a José Lins do Rego, publicado em junho de 1934. Aspectos como a coesão e a simplicidade do romance *Doidinho* antecipam a defesa da geração de 1930 pela pena de Graciliano Ramos.

Num balanço da produção de Jorge Amado em 1937, tendo sido até então publicados os romances *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935) e *Mar Morto* (1936), Ramos distingue dois tipos de personagens: os irreais (ou românticos) e os personagens do povo, presentes na obra de Amado. De um lado, “Peri, Iracema, a escrava Isaura, o alemão Lez, o Timbira”, todos estes heróis “falsos, contrafeitos, mal traduzidos do francês e pessimamente arrumados numa terra que ninguém estudava convenientemente” (p.155); de outro os mestiços de Jorge Amado que não sendo nem bons nem maus, “confundem-se com os brasileiros de carne e osso” (p. 156).

Na mesma linha dos personagens reais, também a reflexão sobre a arte deve passar, segundo o crítico, não mais pelas idealidades papagueadas do estrangeiro, na mesma linha de ruptura exaustivamente trabalhada pelos mo-

---

6 Em nota, Salla supõe que o manuscrito tenha sido escrito no final da década de 1930, depois da saída do cárcere.

dermist, mas deve, acima de tudo, tratar da experiência vivida, pois “é necessário conhecermos e sentirmos a matéria de que nos ocupamos” (p. 278). Não se trata, como ressalta Ramos, de apanhar a realidade pura, mas de tornar a narrativa verossímil, de uma verdade “contingente e humana” (p. 279)<sup>7</sup>.

Assim como se contrapôs aos românticos, o crítico literário Graciliano Ramos, seguindo a linha já apontada por Lima Barreto<sup>8</sup>, lança sua verve também contra a prosa de Coelho Neto, dos “volumes imprestáveis” (147), dos livros escritos sem alma. Também do movimento modernista, o autor de *Angústia* acaba se distanciando num discurso de maio de 1951, ao ressaltar a inocuidade de uma revolução na qual os soldados acabaram na Academia. A posição do velho Graça no mundo das letras vai se configurando nos textos reunidos em *Garranchos*, desde as crônicas repletas de ironia, passando pelo observador dos costumes, até o crítico literário. São as mais interessantes facetas do escritor na coletânea.

As crônicas de frases marcantes, as satíricas, as de costumes e os estudos literários são o que mais deve interessar ao estudioso da obra de Graciliano Ramos ao ler a presente coletânea. Eles auxiliam a traçar o perfil ideológico-literário do criador de *Angústia*. Um perfil de intelectual público das nossas letras que se aproxima do passado para reinventá-lo com a liberdade conquistada pelos modernistas, acrescida da crítica social na linha limabarretiana. As cartas reunidas na mesma coletânea não despertam o mesmo elo com os procedimentos do romancista. Para o estudioso da obra de Ramos, são os traços do autor crítico, cético, irônico e engajado na vida política, social e literária de seu tempo que mais atrai o interesse. Sem o otimismo por vezes ingênuo dos modernos, é possível vislumbrar nas crônicas reunidas em *Garranchos* um ensaio de síntese da pena de Graciliano Ramos, no encontro entre o homem, o intelectual, o crítico e a arte.

*Recebido em: 31/10/2013. Aceito em: 31/10/2013.*

---

7 Trata-se aqui de um discurso do autor, proferido, segundo Salla, no segundo semestre de 1946.

8 Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma que a coerente crítica social de Lima Barreto seria retomada pelo melhor romance dos anos de 30.